

## O OLHAR QUE BRINCA: DOCÊNCIA EM ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

FERNANDA MACHADO<sup>1</sup>;  
DANIEL MOMOLI<sup>2</sup>:

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas*<sup>1</sup> – [contato.machadof@gmail.com](mailto:contato.machadof@gmail.com)<sup>1</sup>

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas*<sup>2</sup> – [daniel.momoli@ufpel.edu.br](mailto:daniel.momoli@ufpel.edu.br)<sup>2</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

Este resumo relata uma experiência de estágio supervisionado em Educação Infantil, realizada no primeiro semestre de 2024, na Escola Municipal de Educação Infantil Marília Poliesti, em Pelotas – RS. A proposta de estágio, vinculada ao curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, foi desenvolvida junto à turma do Maternal 1, no turno da manhã, e teve como objetivo experimentar práticas de docência em artes atravessadas pelo brincar, pela escuta atenta e pela investigação sensível do cotidiano. O ponto de partida foi o desejo de pensar um tempo em arte com as crianças que não se restringisse à técnica ou a modelos padronizados, mas que se abrisse à imaginação, à descoberta e à presença. Uma arte capaz de habitar a rotina escolar nos gestos, nas pausas, nas perguntas e nas pequenas invenções que emergem no encontro entre professora, criança e escola. A criança não deixa suas emoções e necessidades pessoais em casa para ir à escola e aprender de forma desconectada de sua subjetividade, por isso precisamos de metodologias e abordagens de trabalho com as crianças, precisam entendê-las em sua integralidade .

Dessa forma, a proposta articulou a criação de dispositivos artesanais e o uso de lupas como ferramentas poéticas para investigar o espaço escolar, em atividades que envolviam caminhadas, brincadeiras de espiar e conversas sobre o que se via e sentia. A teorização de nossa experiência dialoga com autoras e autores que defendem práticas educativas abertas ao sensível, como BARBIERI (2012), que comprehende o brincar como construção de significados, e SENNETT (2013), que reconhece no fazer artesanal um tempo de encontro e experimentação. Assim, o estágio foi pensado como um espaço de pesquisa e invenção no qual se buscou educar com as crianças, e não apenas para elas, entendendo a docência como uma prática de escuta e de diálogo desde a primeira infância.

### 2. ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades foram desenvolvidas ao longo de quatro encontros semanais com a turma do Maternal 1. No primeiro momento, foram realizadas observações nas turmas de diferentes níveis da Educação Infantil, o que permitiu o reconhecimento do espaço escolar, das rotinas e das práticas pedagógicas. Esse processo evidenciou, tanto potências quanto limitações no cotidiano da escola, especialmente no que diz respeito à escuta das crianças e à valorização de suas expressões criativas. Ao observar a rotina das crianças, fomos nos conhecendo e eu pude ir emergindo naquele universo, aos poucos sendo convidada por eles para fazer parte. Nossos primeiros diálogos aconteceram durante a rotina de assistir desenhos na televisão, e percebi que eles adoravam esta atividade, mesmo que fosse os mesmos filmes durante toda a semana. Em muitos momentos eles me

adiantavam as cenas seguintes dos desenhos. Foi então, que pensei tornar o cotidiano deles parte do momento da aula, o dia dia e suas surpresas ser favorável para a construção da aula de artes.

A proposta de aula foi pensada com base na construção de um tempo em arte que estivesse atravessado pela investigação sensível. Na primeira aula, foram utilizadas lupas e imagens ampliadas, criando um ambiente de curiosidade e descoberta. As crianças exploraram com entusiasmo os detalhes dos desenhos, observaram umas às outras e descobriram novas formas de olhar. Uma das crianças exclamou: “eu quero ser corajosa também e ver a aranha”, ao tentar encontrar uma pequena imagem escondida na folha. A atividade de exploração se estendeu ao trajeto até o refeitório, integrando o brincar à rotina da escola.



Figura 1: Lupas para descobrir a escola. Acervo Pessoal.

Na segunda aula, propus a construção coletiva de dispositivos “fotográficos” com materiais simples como rolos de papel, tule, papel celofane e caixas de papelão. A proposta buscava valorizar a autonomia das crianças e seus modos próprios de criar e experimentar. Nesse dia, a conversa girou em torno das chuvas e dos medos, visto que recém tínhamos passado por enchentes no Rio Grande do Sul, e também de um “bico” disputado entre dois colegas. Esses atravessamentos mostraram como o cotidiano da sala é carregado de afeto, narrativa e presença. E tudo isso junto fazem parte da aprendizagem, do crescer. A experiência também fez-se de uma documentação sensível dos processos, com registros fotográficos, vídeos e falas das crianças, entendendo a documentação não como produto final, mas como processo de escuta e memória (FOCHI, 2018).

Na terceira aula, com os dispositivos prontos, caminhamos juntos pela escola, utilizando-os para observar o espaço, os colegas, os objetos e os detalhes. As crianças se mostraram envolvidas com a proposta, compartilhando descobertas e expressando, com entusiasmo, aquilo que viam. Essa etapa articulou o olhar poético com o ato de caminhar e observar, conforme propõe MASSCHELEIN (2008), que defende a pedagogia do olhar como forma de desnaturalizar o cotidiano. Todo dia eles estavam na escola, todo dia eles estavam ali vendo as mesmas coisas, porém a brincadeira mostrou que há inúmeras formas de ver aquilo que já foi visto, outras perspectivas, detalhes que antes eram despercebidos por eles. O olhar concentrado e situado mostrou a diversidade de texturas, de cores, de sons, de sentidos que existe na escola. Aquilo que parecia comum revelou-se cheio de camadas, de mistérios. O cotidiano ganha outra vida pelos olhos das crianças no momento da

brincadeira. E talvez seja esse o papel da arte na escola, devolver encantamento ao que já se conhece, dar outras formas e afirmar, com delicadeza, que sempre há mais para ver, sentir e imaginar.



Figura 2: Experimentando o olhar. Acervo Pessoal.

A quarta e última aula foi dedicada à reflexão coletiva sobre os processos e descobertas. Como eles adoravam ver filmes de desenho animado na televisão e, como a proposta era através dos dispositivos fotográficos, descobrir os detalhes do absurdo e do ordinário, eu fui registrando nossas descobertas e encontros. Projetei um vídeo com as imagens registradas ao longo das atividades e conversamos sobre o que foi vivido. As crianças comentaram suas próprias imagens, riram, contaram histórias e refizeram sentidos a partir do que assistiam. A fala e a escuta foram compreendidas como parte do fazer artístico e educativo, e a documentação como construção de memória, tal como afirma FOCHI (2018). Todas as aulas foram atravessadas por desafios mas também por muitas potências, entre elas a invenção das crianças, os olhares atentos e os encontros que se deram no espaço partilhado da sala de aula. A arte, neste contexto, não precisa entrar de maneira isolada, mas pode atravessar o cotidiano, transformando os momentos mais comuns em experiência estética e pedagógica. Como escreve JUNQUEIRA FILHO (2015, p.4), ao respeitar e considerar os sentimentos na conversação com as crianças, a aula de artes abre espaço para o inusitado, para aquilo que emerge do inesperado, garantindo que cada criança possa afirmar sua própria maneira de ver e sentir o mundo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de estágio supervisionado permitiu vivenciar uma docência em artes construída com as crianças, a partir da escuta, da observação e do brincar como forma legítima de aprender e de ensinar. A construção dos dispositivos, as caminhadas investigativas, os registros e as conversas revelaram que é possível desenvolver uma prática artística que acolha os tempos da infância, os afetos e a potência do olhar. A docência em artes, nesse contexto, não é apenas uma técnica,

mas um modo de estar como para as crianças. A partir desta experiência, reforça-se a necessidade de uma escola que desacelere, que valorize a potência da infância e que compreenda a arte como prática cotidiana e coletiva de invenção do ser, viver e aprender. O ensino da arte na Educação Infantil, diante da complexidade da contemporaneidade, abre novas perspectivas para a construção do sujeito-criança. A escola, além de assegurar cuidados básicos e garantir a permanência das mulheres no trabalho, deve ser também um espaço que valorize o território da infância, reconhecendo-o como lugar de criação, reflexão crítica e invenção de mundo. As atividades com dispositivos fotográficos possibilitaram às crianças desacelerar, observar a si, aos colegas e ao espaço escolar de outros modos, inventando narrativas e histórias enquanto refletiam, pelo olhar, suas próprias demandas sociais e afetivas. Nessas interações, o brincar se mostrou não apenas diversão, mas campo de experimentação e enfrentamento da vida, onde surgem novas formas de negociar, solucionar e imaginar o cotidiano. Assim, a arte na escola torna-se ferramenta de descoberta e autonomia, permitindo que, junto às crianças, se desvalem interesses, deslocamentos e modos sensíveis de existir no mundo.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?**. Editora Blucher, 2022.  
FOCHI, Paulo. Planejar para tornar visível a intenção educativa. **Revista Pátio Educação Infantil**, v. 45, 2015.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. Múltiplas linguagens na educação da infância: perspectivas de protagonismo compartilhado entre professor, crianças e conhecimento. **Flores, Maria Luiza Rodrigues Albuquerque, Simone Santos de (org.). Implementação da Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. P. 127-140.**, 2015.

MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o Olhar. **Educação e Realidade**, v. 33, 2008.

SENNETT, Richard. **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Editora Record, 2019.